

Pyrrhonorax pyrrhonorax
Gralha-de-bico-vermelho

Taxonomia

Família: *Corvidae*

Espécie: *Pyrrhonorax pyrrhonorax* (Linnaeus 1758).

Código da Espécie : A346

Estatuto de Conservação:

Global (UICN 2004): LC (Pouco preocupante).

Nacional (Cabral *et al.* 2005): EN (Em Perigo).

Espanha (Madroño *et al.* 2004): NT (Quase ameaçado).

SPEC (BirdLife International 2004): 3 (Espécie com estatuto de conservação desfavorável, não concentrada na Europa).

Protecção legal:

- Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro - Anexo I
- Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna - Anexo II

Fenologia: Residente.

Distribuição:

Nacional: A população mundial da gralha-de-bico-vermelho estende-se pela Ásia Central e Europa, com algumas populações isoladas em Marrocos, Argélia e Etiópia (Goodwin 1986, Monaghan 1997). A distribuição desta espécie na Europa é muito fragmentada, estando confinada a áreas montanhosas e costeiras ao longo da área Norte do Mediterrâneo com algumas populações isoladas nas Ilhas Britânicas e na Bretanha Francesa (Cramp & Perrins 1994, Monaghan 1997, BirdLife International/European Bird Census Council 2000).

A gralha-de-bico-vermelho não é uma ave migradora; no entanto, no Inverno algumas populações de montanha movem-se para altitudes mais baixas, formando bandos de várias centenas de indivíduos (Bignal 1994).

Nacional: Informações recentes sobre a ocorrência da espécie em Portugal indicam que existe uma elevada fragmentação das populações, ocorrendo provavelmente 5 aglomerados populacionais da espécie em território continental.

Tendência Populacional:

Durante os últimos 100 anos, a gralha-de-bico-vermelho sofreu uma forte regressão em grande parte da sua área de distribuição europeia (Goodwin 1986). A maioria das populações actualmente existentes na Europa são pequenas, encontram-se isoladas e em declínio acentuado (Bignal 1994).

Em Portugal tem-se registado nos últimos anos um declínio continuado do número de indivíduos, área de distribuição e habitat favorável à ocorrência da gralha-de-bico-vermelho. De acordo com estimativas recentes, nos últimos 10 anos verificou-se uma redução de 50 a 80 % da população portuguesa desta espécie.

Abundância:

Estimativas recentes da abundância da espécie indicam que o efectivo a nível nacional não chega aos 500 indivíduos. Estima-se que o núcleo do Gerês contenha cerca de 40 indivíduos (Pimenta M com.pes.), o do Douro Internacional 100-150 casais (A Monteiro com.pes.), o do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros cerca de 100 indivíduos (PNSAC- Inventário de algares de 2004, dados não publicados), o do Alvão 6 indivíduos (P Travassos com.pes.); na costa sudoeste, na zona de Sagres, foram contados apenas cerca de 34 indivíduos, em 2005 (F Ildefonso, P Rosa & V Casalinho com.pes..).

Requisitos ecológicos:

Habitat: A gralha-de-bico-vermelho depende de paisagens diversificadas em que o mosaico agrícola inclua áreas de pastagens extensivas, restolhos, pousios e terrenos aráveis (Bignal 1994, Pain & Pienkowski 1997). A espécie encontra-se ainda dependente da existência de falésias marítimas ou penhascos do interior do país com grutas ou escarpas inacessíveis onde possa construir os seus ninhos. Os locais escolhidos são normalmente aqueles que estão sujeitos a fraca pressão humana (Rufino 1989).

Os locais escolhidos para nidificação podem ser fendas e buracos, situados em furnas marítimas ou escarpas inacessíveis, tanto costeiras como de montanha, ou em algares de maciços calcáreos. Quando não existem formações naturais adequadas, podem ocupar construções humanas (por exemplo: minas abandonadas, velhas habitações). Estes locais continuam a ser ocupados depois da época de reprodução, podendo ser abandonados temporariamente em troca de um dormitório comunitário (Farinha 1991).

Como principais áreas de alimentação, a gralha-de-bico-vermelho selecciona sistemas agrícolas extensivos, áreas tradicionalmente utilizadas como pastagens e outros habitats semi-naturais com abundantes espaços abertos (Farinha 1991). Esta espécie alimenta-se geralmente em pares ou bandos, usando terrenos que permitam um fácil acesso às presas mediante escavação das camadas superficiais do solo, como por exemplo as áreas rochosas com vegetação baixa, pastagens utilizadas frequentemente pelo gado, restolhos e alguns matos recentemente queimados (Goodwin 1986, Farinha 1991).

Durante a época de nidificação as aves reprodutoras utilizam uma área de alimentação próxima do ninho, que pode ser partilhada por mais do que um casal (Farinha, 1991). À medida que a nidificação se desenvolve, a área de alimentação vai sendo progressivamente alargada, podendo mesmo sobrepor-se às áreas utilizadas durante todo o ano pelos bandos de indivíduos não reprodutores (Farinha 1991).

Os dormitórios podem localizar-se em grutas, algares, furnas marítimas ou escarpas (Farinha 1991). Durante a nidificação a fêmea dorme no ninho, e o macho perto deste (normalmente na mesma plataforma ou noutra pouco afastada) até os jovens abandonarem a área de nidificação (Cramp & Perrins 1994). Pares isolados podem dormir juntos até durante o inverno. Alguns pares que nidificam em áreas com alimento limitado, fora da época de nidificação usam dormitórios comuns longe dos seus locais de nidificação, mas podem continuar a manter contacto diário com o território (Cramp & Perrins 1994).

Em determinados anos ou períodos, verifica-se uma sub-divisão do bando de alimentação, que ocupava o dormitório principal, em bandos mais pequenos. Pensa-se que este facto esteja relacionado com variações na concentração das presas. Como resultado, surgem na mesma área vários dormitórios dispersos (Farinha 1991).

Os locais utilizados como dormitórios (grutas, algares ou furnas marítimas) podem também servir como locais de refúgio (ver ponto 9.4.). Estes locais são geralmente muito importantes na defesa contra predadores e no estabelecimento de relações entre os indivíduos.

Alimentação: A gralha-de-bico-vermelho tem uma dieta relativamente especializada, alimentando-se de insectos e outros invertebrados do solo (e.g.: escaravelhos, gafanhotos, lagartas e larvas), que complementa com material vegetal, como sementes e grãos, durante o Inverno (Goodwin 1986, Farinha 1991, McCracken & Foster 1991, Cramp & Perrins 1994).

Reprodução: Em Portugal, a gralha-de-bico-vermelho nidifica isoladamente ou por vezes em colónias algo dispersas. Os ninhos são ocupados pelos mesmos casais todos os anos e o território que circunda o ninho é defendido durante a época de nidificação (Cramp & Perrins 1994).

Espécie essencialmente monogâmica, sendo a relação de duração permanente. O casal mantém-se junto todo o ano, juntando-se por vezes a outros indivíduos para formar pequenos bandos. Ambos os progenitores constroem o ninho e alimentam as crias (Cramp & Perrins 1994).

Ameaças:

O **abandono agrícola e do pastoreio extensivo**, com conseqüente evolução natural dos matos, resulta em perda de habitat adequado para a alimentação. O abandono do pastoreio extensivo é causa de desaparecimento de usos de solo favoráveis a esta espécie (pastagens), cuja manutenção era rentabilizada por essa prática.

O **sobrepastoreio** afecta a composição e estrutura da vegetação, reduzindo a disponibilidade alimentar.

A **intensificação da agricultura** através de monoculturas cerealíferas em detrimento de outros usos como leguminosas, cereais e pousios, resulta na redução do mosaico agrícola com decréscimo da diversidade de habitat e traduz-se na diminuição da disponibilidade alimentar.

A pressão turística que se verifica nas zonas costeiras e montanhosas gera grande **perturbação humana** e degradação do habitat de alimentação (falésias, pastagens, matos) e do habitat de nidificação e dormitórios (grutas, algares) (Farinha 1991). Em especial, o incremento da prática de montanhismo e espeleologia que se tem verificado nos últimos anos tem contribuído para aumentar a perturbação dos ninhos e dormitórios desta espécie;

O aumento da **utilização de agro-químicos** intervém directa e indirectamente nas populações de aves, aumentando a mortalidade e reduzindo a capacidade reprodutiva e diminuindo as populações presa.

A **florestação das terras agrícolas** resulta na perda de habitat para a espécie.

Objectivos de Conservação:

Aumentar os efectivos populacionais;

Assegurar a manutenção do habitat de alimentação da espécie promovendo a conservação do mosaico agrícola e dos sistemas extensivos de agricultura e pastoreio;

Garantir a conservação de habitat favorável à nidificação e dormida da espécie.

Orientações de Gestão

- Monitorizar os parâmetros populacionais (avaliação das tendências na distribuição e abundância da espécie);
- Manter áreas de pastagens extensivas para o pastoreio de gado, através de acordos estabelecidos com os agricultores mediante a aplicação de Medidas Agro-Ambientais;
- Condicionar o encabeçamento em áreas de pastagens;
- Condicionar a intensificação agrícola nas áreas mais importantes para a preservação da espécie;
- Preservar o mosaico agrícola;
- Promover a conservação dos locais de nidificação e dos dormitórios e impedir a obstrução das entradas de grutas e algares;

- Providenciar locais de nidificação artificiais em habitats adequados;
- Ordenar e gerir os acessos e actividades turísticas e desportivas em áreas costeiras e montanhosas importantes para a espécie;
- Incentivar a manutenção de práticas agro-pastoris tradicionais;
- Promover o uso racional de produtos químicos na produção agrícola.

Bibliografia:

Álvares F, Nascimento J, Travassos P, Santarém L & Pimenta M (1998). *A Gralha-de-bico-vermelho no NW de Portugal. Situação actual e evolução da população*. Actas do IV Congresso Galego de Ornitología. Nigrán, Pontevedra, Espanha.

Álvares F (2001). Situação e notas para a conservação da Gralha-de-bico-vermelho em Portugal. *Tribuna da Natureza* 5: 8-11.

Bignal E (1994). *Chough Pyrrhocorax pyrrhocorax*. In: *Birds in Europe: Their Conservation Status*. Pp. 420-421. Tucker GM & Heath MF. BirdLife Conservation Series Nº 3, BirdLife International, Cambridge.

Bignal EM & McCracken DI (1996). Low-intensity farming systems in the conservation of the countryside. *Journal of Applied Ecology* 33: 413-424.

BirdLife International / European Bird Census Council (2000). *European bird populations: estimates and trends*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

BirdLife International (2004). *Birds in Europe: Population Estimates, Trends and Conservation Status*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

Cabral MJ (coord.), Almeida J, Almeida PR, Dellinger T, Ferrand de Almeida N, Oliveira ME, Palmeirim JM, Queiroz AI, Rogado L & Santos-Reis M (eds.) (2005). *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

Costa H, Araújo A, Farinha JC, Poças MC & Machado AM (2000). *Nomes Portugueses das Aves do Palearctico Ocidental*. Assírio & Alvim, Lisboa.

Cramp S & Perrins CM (eds.) (1994). *Handbook of the Birds of Europe, the Middle East and North Africa, (Crows to Finches)*, Vol. VIII. Oxford University Press, Oxford.

Curtis DJ, Bignal EM & Curtis MA (eds.) (1991). *Birds and Pastoral Agriculture in Europe*. Scottish Chough Study Group, Argyll and Joint Nature Conservation Committee, Peterborough, UK.

Farinha JC (1988a). *Gralha de bico vermelho Pyrrhocorax pyrrhocorax (Linnaeus, 1758). Ecologia e caracterização do núcleo de Sagres-S. Vicente*. Relatório de estágio da Licenciatura em Biologia. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Farinha JC (1988b). *Selection of feeding biotopes by Cough Pyrrhocorax pyrrhocorax at Sagres-S. Vicente (Portugal)*. Proceedings of an International Workshop on the Conservation of the Cough, *Pyrrhocorax pyrrhocorax*, in the EC. Pp. 89-93. Scottish Chough Study Group, Argyll.

Farinha JC (1991). *Medidas urgentes para a conservação da Gralha-de-bico-vermelho Pyrrhocorax pyrrhocorax em Portugal*. Estudos de Biologia e Conservação da Natureza nº 2. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.

Goodwin D (1986). *Crows of the World*. Second edition. British Museum (Natural History), Suffolk, UK.

ICN (em prep). *Novo Atlas das Aves que Nidificam em Portugal*. Dados provisórios. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa. Não publicado.

Jorge FB (1994). A gralha-de-bico-vermelho *Pyrrhocorax pyrrhocorax* no Parque Natural das Serras d'Aire e Candeeiros (PNSAC): estado da população e estrutura do habitat. Relatório de estágio da Licenciatura em Biologia. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Madroño A, González C & Atienza J C (eds.) (2004). *Libro Rojo de las aves de España*. Dirección General de Conservación de la Naturaleza, Ministerio de Medio Ambiente / Sociedad Española de Ornitología / BirdLife, Madrid.

Marques P & Barros F (1992). *Guia de Aves do Parque Natural da Serra d'Aire e Candeeiros (PNSAC)*. PNSAC, Instituto da Conservação da Natureza..

McCracken DI & Foster GN (1991). *Invertebrates and the Chough* *Pyrrhocorax pyrrhocorax* on *Islay*. In: *Birds and Pastoral Agriculture in Europe*. Curtis DJ, Bignal EM & Curtis MA (eds.). Scottish Chough Study Group, Argyll and Joint Nature Conservation Committee, Peterborough, UK.

Monaghan P (1997). *Chough* *Pyrrhocorax pyrrhocorax*. In: *The EBCC Atlas of European Breeding Birds: Their Distribution and Abundance*. Pp. 676-677. Hagemeyer EJM & Blair MJ (eds.). T & A D Poyser, London.

Pain DJ & Pienkowski MW (1997). *Conclusions: a future for farming and birds?* In: *Farming and Birds in Europe: The Common Agricultural Policy and its Implications for Bird Conservation*. Pain DJ & MW Pienkowski (eds.). Academic Press, San Diego, California.

Rufino R (1989). *Atlas das Aves que nidificam em Portugal Continental*. Centro de Estudos de Migrações e Protecção de Aves, Serviço Nacional de Parques Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.

UICN (2004). *2004 IUCN Red List of Threatened Species*. <<http://www.redlist.org>> .